OBSESSÃO - O PASSE - A DOUTRINAÇÃO

José Herculano Pires

Informações Preliminares.

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tiques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatórios.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais freqüentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Na Antigüidade a obsessão era tratada com violência. As práticas do exorcismo, até hoje vigentes no Judaísmo e no Catolicismo, destinam-se a afastar o demônio de maneira agressiva e violenta. No Espiritismo o método empregado é o da persuasão progressiva do obsessor e do obsedado. É o que se chama de doutrinação, ou seja, esclarecimento de ambos à luz da Doutrina Espírita. Não se usa nenhum ingrediente especial. Emprega-se apenas a prece e a conversação persuasiva. Esclarecido o obsedado, atinge-se o obsessor, que ficam, por assim dizer, vacinados contra novas ocorrências obsessivas.

O que é a Obsessão?

Orientação para o tratamento dos casos de obsessão.

I - O sentido da vida.

Porquê e para quê vivemos? A resposta a esta pergunta é de importância para compreendermos o problema da obsessão. Segundo o Espiritismo, vivemos para desenvolver as potencialidades psíquicas de que todos somos dotados.

Nossa existência terrena tem por fim a transcendência, ou seja, a superação constante da nossa condição humana. Desde o nascimento até o nosso último dia passamos pelas experiências que desenvolvem as nossas aptidões inatas, em todos os sentidos. A criança recém-nascida cresce dia a dia, desenvolve o seu organismo, aprende a comunicar-se com os outros, a falar e a raciocinar, a querer e a agir para conseguir o que quer.

Transcende a condição em que nasceu e passa para as fases superiores da infância, entrando depois na adolescência e depois na mocidade, na madureza e na velhice.

Ao fazer todo esse trajeto ela desenvolveu suas forças orgânicas e psíquicas, sua afetividade, sua capacidade de compreender o que se passa ao seu redor e seu poder de dominar as circunstâncias. Isso é transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu. É para isso que vivemos. E isso nos mostra que o sentido da vida é transcendência.

Hoje, a Filosofia Existencial sustenta esse mesmo princípio no campo filosófico. Os existencialistas consideram o homem como um projeto, ou seja, um ser projetado na existência como uma flecha em direção a um alvo, que é a transcendência. Mas no Espiritismo as existências são muitas e sucessivas, de maneira que em cada existência terrena atingimos um novo grau de transcendência. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre a reencarnação confirmam esse princípio. O fato de vivermos muitas vidas na Terra, e não apenas uma, mostra que temos no inconsciente uma armazenagem de lembranças e conhecimentos, aspirações, frustrações e traumas muito maior que a descoberta por Freud.

É bom anotar na memória este dado importante: quando Kardec descobriu as manifestações do inconsciente, através de suas pesquisas sobre os fenômenos anímicos, Freud tinha apenas um ano de idade. Isso não desmerece Freud, que não conhecia as pesquisas de Kardec, mas nos prova a segurança das pesquisas espíritas do psiquismo humano. A concepção espírita da vida humana na Terra não é imaginária, mas real, baseada em pesquisas científicas. Os que consideram o Espiritismo como uma doutrina supersticiosa, gerada pela ignorância, revelam ser mais ignorantes do que poderiam pensar de si mesmos. A Doutrina Espírita está hoje comprovada cientificamente pelos cientistas mais avançados. Dizemos isto para mostrar aos leitores que o sentido da vida, a que nos referimos, não é uma hipótese, mas uma realidade. Se não compreendermos que a vida é transcendência, crescimento, elevação e desenvolvimento constante e comprovado do ser espiritual que somos, não poderemos encarar com naturalidade o problema da obsessão e lutar para resolvê-lo.

II - As dimensões da vida.

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da antimatéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física, bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos théta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem a diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do Prof. Rhine) e semimateriais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano da matéria densa da Terra até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

III - Freud e Kardec.

Muitos psicólogos e psiquiatras acusam o Espiritismo de invadir os seus domínios científicos nos casos de perturbações mentais e psíquicas.

Desconhecendo a Doutrina Espírita e sua história, não sabem que se deu exatamente o contrário. Afirmam que a Obsessão é uma perturbação decorrente de desequilíbrios endógenos, ou seja, das próprias estruturas psico-mentais do paciente em relação com os fatores ambientais. Atribuem quase tudo à constituição do paciente, a disfunções orgânicas e particularmente cerebrais ou afetivas. O inconsciente é geralmente a sede de todos os distúrbios psíquicos. Entendem que os espíritas confundem os fantasmas imaginários gerados por manifestações patológicas do paciente com fantasmas reais das mais antigas superstições mágicas e religiosas da Humanidade. Acham que o Espiritismo representa um processo de volta ao mundo da superstição.

Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec levantou o problema do inconsciente em termos científicos, nas suas pesquisas dos fenômenos espíritas, hoje chamados cientificamente de paranormais. Kardec foi mais fundo do que Freud no assunto, atingindo o problema dos arquétipos individuais e coletivos, que somente Adler e Jung iriam pesquisar mais tarde. Na pesquisa do problema do animismo nas manifestações mediúnicas e das infiltrações anímicas em manifestações reais, Kardec acentuou devidamente a importância das manifestações do inconsciente no comportamento individual e coletivo. Freud encarou a questão dos sonhos nos limites da sua doutrina.

Kardec, durante nada menos de doze anos, já havia realizado intensivas pesquisas de psicologia experimental (pioneirismo absoluto nesse campo) na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Hoje, as pesquisas parapsicológicas, realizadas nos maiores centros universitários de todo o mundo, comprovam inteiramente o acerto de Kardec.

Damos essas informações históricas unicamente para que as vítimas de obsessões e os familiares por elas responsáveis não se deixem levar por enganos fatais em caso difíceis de obsessão. A Ciência Espírita não se opõe às Ciências Materiais em nenhum campo, tentando apenas ajudá-las com a necessária complementação das suas pesquisas e conquistas próprias. É fácil verificar a verdade destas informações na simples consulta às obras de Kardec, incluindo-se os relatos sobre obsessões e desobsessões em seus trabalhos publicados na coleção da Revista Espírita, hoje inteiramente traduzida e publicada em nossa língua.

IV - Inconsciente e memória subliminar.

Dos trabalhos de Kardec resultaram as pesquisas psíquicas do século XIX, a Ciência Psíquica Inglesa, a Metapsíquica Francesa de Richet, as pesquisas do automatismo psicológico de Pierre Janet, Psicobiofísica de Schrenk-Notzing, a Física Transcendental de Friedrich Zollner, na Alemanha e a Parapsicologia atual. Resultou também o famoso livro de Frederic Myers A Personalidade Humana e sua Sobrevivência, com a colaboração científica de Henri Sidgwrich e Edmund Hurney. Esse livro coloca o problema das duas consciências a supraliminar, voltada para os problemas existenciais, e a subliminar voltada para a transcendência e a vida de após morte. A percepção paranormal pertence à consciência subliminar, que equivale na Psicanálise ao Inconsciente. Explica-se o Gênio pelo afloramento de conteúdos subliminares na consciência supraliminar, provocado por percepções extra-sensoriais. Esses afloramentos podem ser também de idéias negativas, perturbando o comportamento atual. No Espiritismo isso se liga à teoria platônica da reminiscência, são resíduos de experiências vividas em outras vidas. As pesquisas de Albert

De Rochas sobre a reencarnação, no século passado, e as pesquisas parapsicológicas atuais confirmam a tese espírita. É bastante clara a diferença entre esses afloramentos anímicos (da própria alma do médium) e os casos típicos de manifestação de espíritos.

V - Infecção e infestação.

Não só no plano psicológico verificam-se as obsessões, mas também na patologia geral. Sintomas de doenças infecciosas são transmitidos por entidades espirituais enfermiças a pessoas sãs. Para fazer a distinção, adotou-se no Espiritismo o termo infestação para designar essas doenças fantasmas, que tanto podem ser de origem anímica como espirítica. Fortes impressões e temores podem ocasionar a sintomatologia-fantasma. Nos casos de infestação verifica-se o processo indutivo dos vasos comunicantes: o espírito transfere à vítima, geralmente sem o saber, os sintomas da doença que o levou à morte e que persistem no seu perispírito ou corpo espiritual. A prova científica, objetiva, da existência desse corpo espiritual foi feita na França por Raul de Motyndon, na primeira metade do século e atualmente por físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, na universidade de Kirov, na URSS, que deram ao referido corpo a designação do corpo-bioplásmico. Kardec pesquisou o problema, no seu tempo, confirmando a hipótese da infestação por meio do tratamento e cura dos pseudos doentes com o simples afastamento das entidades enfermiças infestadoras. O Dr. Karl Wikland, nos Estados Unidos, comprovou também o fenômeno pelo espaço de três décadas, expondo os resultados, minusciosamente, no livro Trinta Anos Entre Os Mortos. Em sua famosa clínica de Chicago, o Dr. Wikland conseguiu êxitos surpreendentes. A pseudo-doença de centenas de pacientes, cansados de percorrer consultórios e clínicas, estagiando inutilmente em hospitais especializados, encontravam a solução para os seus casos. E ele não era, propriamente, um médico espírita. Era apenas um médico estudioso e pesquisador, que tivera a ventura de casar-se com uma jovem dotada de grande sensibilidade mediúnica. Os casos relatados em seu livro revelam a riqueza dos fenômenos com que ele se defrontou no seu trabalho médico. Seu caso não é único, foi apenas um entre milhares que ocorreram e ocorrem no mundo. Mencionâmo-lo aqui porque foi um dos mais positivos e importantes.

VI - O tratamento mediúnico.

O tratamento mediúnico não segue uma regra única. Varia de acordo com a natureza dos casos e as condições psicológicas específicas dos pacientes.

Deve sempre ser feito sob orientação médica, mas de médico que tenha suficiente conhecimento da doutrina. Sem esse conhecimento, muitos médicos-médiuns extraviaram-se em práticas que a pesquisa espírita já demonstrou serem inúteis e portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional aspectos supersticiosos. Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a prescrição de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram os seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso, deve ser realizado em instituições doutrinárias, em que médicos servem, como espíritas que possuem conhecimentos médicos, excluindo-se o profissionalismo. O serviço espírita é de abnegação, é o pagamento que médiuns e médicos fazem a Deus, através do sofrimento humano por eles aliviado, do muito que diariamente recebem do amparo divino. Os que não compreendem isso, deixando-se levar pela ganância, acabam fatalmente subjugados pelos espíritos inferiores.

A pureza de intenções de médiuns e médicos é a única possível garantia da eficácia do tratamento mediúnico. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores pelo nosso esforço em favor do próximo.

VII - A cura da obsessão.

Você é um ser humano adulto e consciente, responsável pelo seu comportamento. Controle as suas idéias, rejeite os pensamentos inferiores e perturbadores, estimule as suas tendências boas e repila as más. Tome conta de si mesmo. Deus concedeu a jurisdição de si mesmo, é você quem manda em você nos caminhos da vida. Não se faça de criança mimada. Aprenda a se controlar em todos os instantes e em todas as circunstâncias. Experimente o seu poder e verá que ele é maior do que você pensa.

A cura da obsessão é uma auto-cura. Ninguém pode livrar você da obsessão se você não quiser livrar-se dela. Comece a livrar-se agora, dizendo a você mesmo: sou uma criatura normal, dotada do poder e do dever de dirigir a mim mesmo. Conheço os meus deveres e posso cumpri-los. Deus me ampara.

Repita isso sempre que se sentir perturbado. Repita e faça o que disse. Tome a decisão de se portar como uma criatura normal que realmente é, confiante em Deus e no poder das forças naturais que estão no seu corpo e no seu espírito, à espera do seu comando. Dirija o seu barco. Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se. Estabeleça pouco a pouco o controle de si mesmo, com paciência e confiança em si mesmo.

Você não depende dos outros, depende da sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza. Lembre-se dos cegos, dos mudos e dos surdos, dos aleijados e deficientes que se recuperam confiando em si mesmos. Desenvolva a sua fé.

Fé é confiança. Existe a Fé Divina, que é a confiança em Deus e no Seu Poder que controla o Universo. Você, racionalmente, pode duvidar disso? Existe a Fé Humana, que é a confiança da criatura em si mesma. Você não confia na sua inteligência, no seu bom senso, na sua capacidade de ação? Você se julga um incapaz e se entrega às circunstâncias deixando-se levar por idéias degradantes a seu respeito? Mude esse modo de pensar, que é falso.

Quando vier às reuniões de desobsessão, venha confiante. Os que o esperam estão dispostos a auxiliá-lo. Seja grato a essas criaturas que se interessam por você e ajude-as com sua boa vontade. Se você fizer isso, a sua obsessão já começou a ser vencida. Não se acovarde, seja corajoso.

VIII - Roteiro da desobsessão.

1 - Ao acordar, diga a si mesmo: Deus me concede mais um dia de experiências e aprendizado. É fazendo que se aprende. Vou aproveitá-lo. Deus me ajuda. (Repita isso várias vezes, procurando manter essas palavras na memória. Repita-as durante o dia).

2 - Compreenda que a obsessão é um estado de sintonia da sua mente com mentes desequilibradas. Corte essa sintonia ligando-se a pensamentos bons e alegres.

Repila as idéias más. Compreenda que você nasceu para ser bom e normal. As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar.

3 - Mude sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado, não entre na irritação dele. Ajude-o a se reequilibrar, tratando-o com bondade. A irritação é sintonia de obsessão. Não se deixe envolver pela obsessão do outro. Não o considere agressivo. Certamente ele está sendo agredido e reage erradamente contra os outros. Ajude-o que será também ajudado.

4 - Vigie os seus sentimentos, pensamentos e palavras nas relações com os outros. O que damos, recebemos de volta.

5 - Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente, para melhorar as relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros.

6 - Ao sentir-se abatido, não entre na fossa. É difícil sair dela. Lembre-se de que você está vivo, forte, com saúde e dê graças a Deus por isso. Seus males são passageiros, mas se você os alimentar eles durarão. É você que sustenta os seus males. Cuidado com isso.

7 - Freqüente a instituição espírita com que se sintonize. Não fique pulando de uma para outra. Quem não tem constância nada consegue.

8 - Se você ouve vozes, não lhes dê atenção. Responda simplesmente: Não tenho tempo a perder. Tratem de se melhorar enquanto é tempo. Vocês estão a caminho do abismo. Cuidem-se. E peça aos Espíritos Bons, em pensamento, por esses obsessores.

9- Se você sente toques de dedos ou descargas elétricas, repila esses espíritos brincalhões da mesma maneira e ore mentalmente por eles. Não lhes dê atenção nem se assuste com esses efeitos físicos. Leia diariamente, de manhã ou à noite, ao deitar-se, um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo e medite sobre o que leu. Abra o livro ao acaso e não pense que a lição é só para você. Geralmente é só para os obsessores, mas você também deve aproveitá-la. No caso de visões a técnica é a mesma. Nunca se amedronte. É isso que eles querem, pois com isso se divertem. Esses pobres espíritos nada podem fazer, além disso, a menos que você queira brincar com eles, o que lhe custará seu aumento da obsessão. Corte as ligações que eles querem estabelecer com você, usando o poder da sua vontade. Se fingirem ser um seu parente ou amigo falecido, não se deixe levar por isso. Os amigos e parentes se comunicam em sessões regulares, não querem perturbar.

10 - Leia o livro de Allan Kardec INICIAÇÃO ESPÍRITA, mas de Kardec não outros de autores diversos, que fazem confusões. Trate de estudar a Doutrina nas demais obras de Kardec.

11 - Não se deixe atrair por macumbas e as diversas formas de mistura de religiões africanas com as nossas crendices nacionais. Não pense que alguém lhe pode tirar a obsessão com as mãos. Os passes têm por finalidade a transmissão de fluidos, de energias vitais e espirituais para fortificar a sua resistência. Não confie em passes de gesticulação excessiva e outras fantasias. O passe é simplesmente a imposição das mãos, ensinada por Jesus e praticada por Ele. É uma doação humilde e não uma encenação, dança ou ginástica. Não carregue amuletos nem patuás ou colares milagrosos. Tudo isso não passa de superstições provindas de religiões das selvas. Você não é selvagem, é uma criatura civilizada capaz de raciocinar e só admitir a fé racional. Estude o Espiritismo e não se deixe levar por tolices.

Dedique-se ao estudo, mas não queira saltar de aprendiz a mestre, pois o mestrado em espiritismo só se realiza no plano espiritual. Na Terra somos todos aprendizes, com maior ou menor grau de conhecimento e experiência.

IX - Psiquiatria e Espiritismo.

O conflito entre Psiquiatria e Espiritismo tomou vulto entre nós, em virtude do crescimento do movimento espírita. O preconceito religioso influi muito na questão, estimulando o preconceito científico. Mas as últimas conquistas das Ciências abriram uma perspectiva de trégua. Na proporção em que o conceito de matéria se pulverizou nas mãos dos físicos e atingiu o plano da antimatéria, verificou-se uma nova revolução copérnica no tocante à concepção do homem. Coube a um famoso psiquiatra norte americano, Ian Stevenson, dar novo impulso às pesquisas sobre a reencarnação. Na URSS o psiquiatra Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, reconheceu o fenômeno de lembranças de vidas anteriores e iniciou pesquisas a respeito, partindo do pressuposto de sugestões telepáticas.

Hoje há grande número de psiquiatras espíritas, o que estabelece o diálogo entre os campos opostos.

As pesquisas parapsicológicas com débeis mentais deram razão à tese espírita da distinção entre cérebro e mente. Os débeis mentais agem no plano de psi (fenômenos paranormais) em igualdade de condições com as pessoas normais. Isso parecia mostrar que a debilidade era apenas cerebral e não mental. Quando Rhine sustentou a natureza extrafísica da mente, que Vassiliev tentou refutar sem consegui-lo, o problema se tornou mais claro. Muitos enigmas da Psiquiatria se tornaram mais facilmente equacionáveis para uma solução. Entre eles, talvez o mais complexo, que é o da Esquizofrenia. Certos casos de amnésia, em que os pacientes substituem a memória atual por outra referente a uma possível vida anterior, lançaram nova luz sobre o intrincado problema.

A divisão da mente, a diluição da memória, o afastamento da realidade parecem denunciar uma espécie de nostalgia psíquica que determina a inadaptação do espírito à realidade atual. Teríamos dessa forma um caso típico de auto-obsessão nas modalidades variáveis da Esquizofrenia. Os casos se agravam com a participação de entidades obsessoras geralmente atraídas pelo estado dos pacientes. Eles se encontravam em estado de ambivalência e são forçados a optar pelo passado ante a pressão obsessiva. Este é mais um fato favorável à prática da desobsessão. Psiquiatria e Espiritismo podem ajudar-se mutuamente, ao que parece em futuro bem próximo. Não há razão para condenações psiquiátricas atuais dos processos espíritas de cura dos casos de obsessão.

X - Tratamento médico.

Deve também haver uma orientação médica, tendo ou não o profissional conhecimento da Doutrina. (De qualquer modo ele não poderá utilizar profissionalmente as armas que o Espiritismo pode lhe colocar nas mãos, pois o Código de Ética Médica o impede, com justa razão, no atual estado dos conhecimentos e dos determinantes culturais atuantes na maioria dos países. Os médicos que sejam espíritas não podem instituir um "tratamento espírita", mas obviamente podem, quando solicitados, calcados em suas convicções filosóficas, opinarem sobre a situação vivencial de amigos e pacientes).

Os que se propõe a orientar os obsediados no processo de sua libertação devem ter conhecimento da Doutrina solidamente estabelecido, em vivência e em conhecimento teórico, a fim de que os processo doutrinários não se percam em práticas que a pesquisa espírita demonstrou serem inúteis e, portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional, aspectos supersticiosos. Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a recomendação de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso deve ser realizado em instituições doutrinárias, a nosso ver com duas características: orientação externa: os que necessitam vêm periodicamente à instituição, recebem a orientação preconizada e participam das práticas que a Doutrina estabelece, até o seu reequilíbrio. (E obviamente a instruções complementares) orientação interna: em instituições psiquiátricas mantidas por ou com participação de espíritas. Nestas, o tratamento médico cabível seria instituído como em qualquer hospital, e a orientação e as práticas que a Doutrina estabelece seriam iniciadas com o consentimento das famílias ou dos pacientes como uma praxe filosófico-religiosa independente da orientação médica (Note-se nem associada, nem paralela, INDEPENDENTE, para não ferir o Código de Ética Médica, como foi exposto acima), o que não pode ser criticado, desde que assim seja feito, pois é questão de foro íntimo, onde ninguém deve interferir.

A pureza das intenções dos médiuns e coordenadores das reuniões desobsessivas é a única possível garantia da eficácia da orientação mediúnica. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores, pelo nosso esforço em favor do próximo.

O Passe.

I - Suas origens, aplicações e efeitos.

O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. Mas há um passado histórico que não podemos esquecer. Desde as origens da vida humana na terra encontramos os ritos de aplicação dos passes, não raro acompanhados de rituais, como sopro, a fricção das mãos, a aplicação de saliva e até mesmo (resíduo do rito do barro), a mistura de saliva e terra para aplicação no doente. No próprio Evangelho vamos a descrição da cura de um cego por Jesus usando essa mistura. Mas Jesus agiu sempre, em seus atos e em suas práticas, de maneira que essas descrições, feitas entre quarenta e oitenta anos após a sua morte, podem ser apenas influência de costumes religiosos da época. Todo o seu ensino visava afastar os homens das superstições vigentes no tempo. Essas incoerências históricas, como advertiu Kardec, não podem provir dele, mas dos evangelistas. Caso, contrário, Jesus teria procedido de maneira incoerente no tocante aos seus ensinos e seus exemplos, o que seria absurdo.

O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado já há muito superado. Os espíritos

realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas à prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações.

As encenações preparatórias: mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só serve para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas pilhas mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa condenadas por Kardec nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.

Todas essas tolices decorrem essencialmente do apego humano às formas de atividades materiais. Julgamo-nos capazes de fazer o que não nos cabe fazer. Queremos dirigir, orientar os fluidos espirituais como se fossem correntes elétricas e manipulá-los como se a sua aplicação dependesse de nós. O passista espírita consciente, conhecedor da doutrina e suficientemente humilde para compreender que ele pouco sabe a respeito dos fluidos espirituais - e o que pensa saber é simples pretensão orgulhosa limita-se à função mediúnica de intermediário. Se pede a assistência dos Espíritos, com que direito se coloca depois no lugar deles? Muitas vezes os Espíritos recomendam que não se façam movimentos com as mãos e os braços para não atrapalhar os passes. Ou confiamos na ação dos Espíritos ou não confiamos e neste caso é melhor não os incomodarmos com os nossos pedidos.

O passe espírita é prece, concentração e doação. Quem reconhece que não pode dar de si mesmo, suplica a doação dos Espíritos. São eles que socorrem aqueles por quem pedimos, não nós, que em tudo dependemos da assistência espiritual.

II - Magia e religião.

O passe nasceu nas civilizações da selva como um elemento de magia selvagem, um rito das crenças primitivas. A agilidade das mãos em fazer e desfazer as coisas, sugeria a existência, nelas, de poderes misteriosos, praticamente comprovados pelas ações cotidianas da fricção que acalmava a dor, da pressão dos dedos estancando o sangue ou expulsando um espinho ou o ferrão de uma vespa ou o veneno de uma cobra. Os poderes mágicos das mãos se confirmavam também nas imprecações aos deuses, que eram simplesmente os espíritos. As bênçãos e as maldições foram as primeiras manifestações típicas dos passes. O selvagem primitivo não teorizava, mas experimentava instintivamente e aprendia a fazer e desfazer com o poder das mãos. Os deuses o auxiliavam, socorriam, instruíam em suas manifestações mediúnicas naturais. A sensibilidade mediúnica aprimorava-se nas criaturas mais sensíveis e assim surgiram os pajés, os feiticeiros, os xamãs, os mágicos terapeutas, curadores.

A descoberta do passe acompanhava e auxiliava o desenvolvimento do rito, da linguagem e da descoberta de instrumentos que aumentavam o poder das mãos. Podemos imaginar, como o fez André Lang, um homem primitivo olhando intrigado o emaranhado de riscos da palma de sua mão, sem a mínima idéia do que aquilo poderia significar. Seus descendentes iriam admitir, mais tarde, que ali estavam traçados os destinos de cada criatura. O mistério da mão humana foi um elemento essencial do desenvolvimento da inteligência e especialmente da descoberta lenta e progressiva, pelo homem, do seus

poderes internos. Dos tempos primitivos até aos nossos dias, a mão é o símbolo do fazer que nos leva ao saber. Enquanto a Lua, o Sol, as Estrelas atraíam os homens para o mistério do cosmos a mão os levava a mergulhar nas profundezas da natureza humana.

Dessa dialética do interior e do exterior nasceram a Magia e a Religião. A Magia é prática, nasceu das mãos e funcionava através delas. A Religião é teórica, nasceu dos olhos, da visão abstrata do mundo e funciona no plano das idéias. Na Magia, os homens submetem os deuses ao poder humano, obrigam a Divindade a obedecê-los, a fazer por eles. Na Religião, os homens se submetem aos deuses, suplicam a proteção da Divindade. Mas, apesar dessa distinção, as religiões não se livraram dos resíduos primitivos das fórmulas mágicas. Todas as Igrejas da atualidade, mesmo após as reformas recentes, apegam-se ao fazer dos mágicos, através de seus sacramentos. O exemplo mais claro disso é o sacramento da Eucaristia, na Igreja Católica, pelo qual o sacerdote obriga Deus a materializar-se nas espécies sagradas da hóstia, para que o crente possa absorvê-lo e purificar-se com a sua ingestão.

No Espiritismo os resíduos mágicos não podiam existir, pois trata-se de uma doutrina racionalista, mas o grande número de adeptos provindos dos meios religiosos, sem a formação filosófica e científica da Doutrina, carreiam esses resíduos para o nosso meio, numa tentativa de padronização de práticas espíritas e de transformação dos passes num fazer dos médiuns e não dos espíritos. É tipicamente mágica a atitude do médium que pretende, com sua ginástica, limpar a aura de uma pessoa ou limpar uma casa. As tentativas de cura através desses bailados mediúnicos revela confiança mágica do médium no rito que pratica. Por isso Jesus ensinou simplesmente a imposição das mãos acompanhada da oração silenciosa. As orações em voz alta e em conjunto é também um resíduo mágico, pelo qual se tenta obrigar a Deus ou aos Espíritos a atenderem os clamores humanos. A religião racional e portanto consciente baseia-se na fé esclarecida pela razão, que não comporta de maneira alguma essas e outras práticas formais e carregadas de misticismo igrejeiro.

III - A técnica do passe.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem.

A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante. Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual. As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

IV - Passe à distância.

Não há distância para a ação dos passes. Os Espíritos Superiores não conhecem as dificuldades das distâncias terrenas. Podem agir e curar através das maiores lonjuras. Esse fato, constatado e demonstrado pelo espiritismo e ridicularizado pelos cientistas materialistas, está hoje cientificamente comprovado pelas pesquisas em todo o mundo, através de pesquisas e experiências dos principais centros universitários da atualidade. A telepatia, transmissão do pensamento, intenções e desejos, e psicapa, ação da mente sobre a matéria, só podem ser negadas hoje por pessoas (cientistas ou não) que estiverem cientificamente desatualizadas, e, portanto sem autoridade para opinar a respeito. Não obstante, não se deve desprezar a importância do efeito psicológico da presença do paciente no ambiente mediúnico ou da presença do passista junto a ele. Temos, nesse caso, dois elementos importantes de eficácia no tratamento por passes. O efeito psicológico resulta dos estímulos provocados no paciente por sua presença num ambiente de pessoas interessadas a ajudá-lo, o que lhe desperta sensação de segurança e confiança em si mesmo. Trata-se de uma reação anímica (da própria alma do paciente) por isso mesmo psicológica, conhecida na Psicologia como estímulo de conjunto, em que se quebra o desânimo da solidão. Por outro lado, a visita do passista ao paciente isolado em casa dá-lhe a sensação de valor social, reanimando-lhe a esperança de volta a vida normal. Além disso, a presença do paciente numa reunião lhe permite receber a ajuda do calor humano dos outros e da doação fluídica direta, seja do médium ou também de pessoas que o acompanham. Assim, o passe à distância só deve ser empregado quando for de todo impossível o passe de contato pessoal.

São esses também os motivos que justificam a prática dos passes individuais nos Centros, onde todos sabem que ninguém deixa de ser assistido e receber a fluidificação necessária.

V - Passe de auxílio mediúnico.

Nas sessões de manifestações de Espíritos para doutrinação o passe é empregado como auxiliar dos médiuns ainda em desenvolvimento, incapazes de controlar as manifestações de entidades rebeldes. A técnica espírita não é de violência, como nas práticas superadas do exorcismo, mas de esclarecimento e persuasão. A ajuda fluídica ao médium envolvido se faz apenas através da imposição das mãos, sem tocar o médium. Certas pessoas aflitas ou mal iniciadas no assunto procuram segurar o médium, agarrá-lo com força e sujeitá-lo. Isso serve apenas para provocar a reação da entidade, provocando tumulto na reunião. O médium se descontrola ainda mais e a entidade se aproveita disso para tumultuar a sessão. Chama-se o médium pelo nome, pede-se a ele que reaja e adverte-se a entidade para acalmar-se, sem o que se prejudicará, a si mesma. Não se deve esquecer que a força do passe é espiritual e não a força física. Os Espíritos auxiliares estão ao redor e retiram a entidade rebelde. O médium novato e o que dá o passe de auxílio, precisam estar instruídos sobre a possibilidade dessas ocorrências e sobre o comportamento certo a adotar. Essas observações devem ser sempre repetidas nas sessões dessa natureza para que o passe de auxílio não se converta em motivo de tumulto. Esse é um aspecto do problema do passe que muitos têm dificuldade de compreender, por falta de uma compreensão exata da natureza puramente espiritual do passe.

VI - Preparação para o passe.

É muito comum chegarem pessoas ao Centro, ou mesmo dirigindo-se à casa de um médium, pedindo passe com urgência. O passe não pode ser dado a qualquer momento e de qualquer maneira. Deve ser sempre precedido de preparação do passista e do ambiente bem como do paciente. O médium precisa de preparação para bem se dispor ao ato mediúnico do passe. Atender a esses casos imediatamente é dar prova de ignorância das leis do passe. Tudo depende de sintonias que precisam ser estabelecidas. Sintonia do médium com o seu estado íntimo; sintonia do passista com o Espírito que vai atendê-lo; sintonia das pessoas presentes com o ambiente que se deve formar no recinto. Tudo isso se consegue através da prece do interesse de todos pela ajuda ao necessitado. Dar um passe sem essas medidas preparatórias é uma imprudência e um desrespeito aos Espíritos que podem estar empenhados em outros afazeres naquele momento. A falsa idéias de que basta estendermos as mãos sobre uma pessoa para socorrê-la é uma pretensão que tem suas raízes nas práticas mágicas. O passe não é um ato de magia, mas uma ação consciente de súplica às entidades espirituais superiores que nos amparam. A existência e a ação dessas entidades não são uma suposição, mas uma realidade provada cientificamente e hoje necessariamente integrada nas leis naturais, pois não decorre de visões místicas, mas de fatos, de fenômenos objetivos cujas leis já foram descobertas. Os fenômenos paranormais não são de natureza mágica nem pertencem ao mito, mas ao real verificável por métodos adequados de pesquisa e até mesmo por meios tecnológicos.

VII - Transfusão fluídica.

O passe é uma transfusão de plasma extrafísico (para usarmos essa expressão de Rhine) certamente composto de partículas livres de antimatéria. Nas famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, em que os cientistas soviéticos (materialistas) descobriram o corpo-bioplásmico do homem, verificou-se por meios tecnológicos recentes que a força-psíquica de Willian Crookes é uma realidade vital na nossa própria estrutura psicofísica. O ectoplasma de Charles Richet, agindo nessas experiências como um plasma radiante, confirmou a teoria espírita (de Kardec) da ação de fluidos semimateriais nos fenômenos de telecinesia (movimento e levitação de objetos à distância). A suposta incompatibilidade de matéria e antimatéria já havia sido afastada pela produção em laboratório de um antiátomo de Hélio, comprovando-se à realidade dos espaços interpenetrados. De todas essas conquistas resultou necessariamente a comprovação da existência dos fluidos vitais invisíveis do organismo humano e de todos os organismos vivos, fotografados pelas Câmeras Kirlian. O oficialismo ideológico soviético fez calar os cientistas, em defesa do materialismo de Estado, mas a descoberta foi registrada e divulgada por pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall, nos Estados Unidos.

Essa epopéia científica e tecnológica da Universidade de Kirov, combatida também pelo espiritualismo igrejeiro, deu-nos a chave do mistério das mãos humanas e do passe. Raul de Montandon já havia obtido na França, por meios mais modestos, fotos de corpos bio-plásmicos de animais inferiores, e Gustavo Geley comprovara, em Paris, o fluxo de ectoplasma em torno das sessões mediúnicas. As mãos humanas funcionam, no passe espírita como antenas que captam e transmitem as energias do plasma vital de antimatéria. Hoje conhecemos, portanto, toda a dinâmica do passe espírita como transmissão de fluidos no processo aparentemente simplíssimo e eficaz do passe. Não há milagre nem sobrenatural

na eficácia do passe, modestamente aplicado e divulgado por Jesus há dois mil anos. Essas as razões que nos levam a exigir, na atualidade, o respeito que o passe merece.

VIII - A ciência do passe.

Embora com boas intenções, as pessoas que se apressaram a oferecer ao público os lineamentos de uma Ciência do Passe, baseando-se em experiências comuns do passe utilizado nos Centros Espíritas, cometeram uma leviandade. Kardec colocou o problema do passe em termos científicos, no campo da Fluídica, ou seja, da Ciência dos Fluidos. Com seu rigor metodológico, ligou o passe à estrutura dinâmica do perispírito (corpo espiritual), hoje reconhecido como a fonte de todas as percepções a atividades paranormais. A Fluídica é hoje uma Ciência Tecnológica, voltada apenas para o estudo dos fluidos materiais de propulsão. As descobertas atuais da Parapsicologia, e particularmente as da Universidade de Kirov, confirmaram a validade da posição secularmente precursora de Kardec. A Fluídica se abre, ante o avanço da Física Nuclear, para a pesquisa da dinâmica dos fluidos em todo o Cosmos. Só agora começamos a dispor de elementos para um conhecimento exato, o que vale dizer científico, da problemática bimilenar do passe.

Nas experiências de Kirov as manifestações dos fluidos foram vistas e fotografadas pelos cientistas soviéticos, que arriscaram a cabeça para proclamar a importância dos fluidos mediúnicos na terapêutica do futuro.

Essa foi mais uma vitória da Ciência Espírita através das pesquisas de cientistas materialistas. Isso prova que a Ciência, no fundo, não é mais do que o método geral da pesquisa e comprovação objetiva da realidade, que ao contrário das restrições kantianas e das múltiplas classificações metodológicas em vigor, é essencialmente uma só, como sustentava entre nós Carlos Imbassahy. Por qualquer lado que invadirmos o campo do real, através de pesquisas científicas, chegamos sempre a conclusões coincidentes.

No tocante ao passe, as teorias psicológicas da sugestão, dos estímulos provocados no organismo humano estão hoje superadas pelas descobertas objetivas da Fluídica aplicada ao Psiquismo. A Medicina Psicossomática é uma prova disso.

Quando, porém, passamos os limites da sugestão natural para os excessos da gesticulação e da fabulação - como se faz nos pedidos ao paciente para que imagine entrar numa sala doirada etc., - perturbamos através de desvios imaginários a ação, naturalmente controlada pelos dispositivos do inconsciente (consciência subliminar de Myers) o processo natural de reajuste e cura.

Quando Kardec propôs a tese da natureza semimaterial do perispírito (corpo bioplásmico) a expressão pareceu estranha e rebarbativa nos meios científicos. As pesquisas de Crookes, Notzzing, Crawford, Geley, Imoda e Richet, além de outros, provaram posteriormente o acerto de Kardec.

Atualmente as Ciências reconheceram que a explicação dos campos de forças não dispensa o reconhecimento de uma conjugação constante de energia e matéria em todas as estruturas dinâmicas da Terra, do Homem e do Espaço sideral. Tudo isso nos mostra que o estudo científico do passe não pode ser feito por pessoas desprovidas de conhecimentos científicos atualizados. O Kardec superado, dos espíritas pretensiosos dos nossos dias está sempre na dianteira das conquistas atuais. O Espiritismo é a Ciência e acima de tudo a Ciência que antecipou e deu nascimento a todas as Ciências do Paranormal, desde as mais esquecidas tentativas científicas do passado até a Metapsíquica de Richet e a Parapsicologia

atual de Rhine e McDougal. Qualquer descoberta nova e válida dessas Ciências tem as suas raízes no Livro dos Espíritos.

Todos os acessórios ligados à prática tradicional do passe devem ser banidos dos Centros Espíritas sérios. O que nos cabe fazer nessa hora de transição da Civilização Terrena não é inventar novidades doutrinárias, mas penetrar no conhecimento real da doutrina, com o devido respeito ao homem de ciências e cientista eminente que a elaborou, na mais perfeita sintonia com o pensamento dos Espíritos Superiores.

I - A Doutrinação.

A Doutrinação é a moderna técnica espírita de afastar os espíritos obsessores através do esclarecimento doutrinário. Essa técnica é moderna e foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as práticas bárbaras do Exorcismo, largamente usada na Antigüidade, tanto na medicina como nas religiões. O conceito do doente mental como possessão demoníaca, gerou a idéia de espancar o doente para retirar o Demônio do seu corpo.

Nos hospitais a cura se processava através de espancamentos diários. Nas Religiões recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objetos sagrados como crucifixos, relíquias, rosários e terços, medalhas, aspersão de água benta, ameaças e xingos, queima de incensos e outros ingredientes, pancadas e torturas. As formas de exorcismo mais conhecidas entre nós são a judaica e a católica, sendo a judaica mais racional, pois nela se empregavam também o apelo à razão do Dibuk, considerado como espírito demoníaco ou alma penada. A tradução da palavra hebraica Dibuk, que nos parece mais acertada é a de alma penada, pois os judeus reconheciam e identificavam o espírito obsessor como espírito humano de pessoa morta que se vingava do obsedado ou cobrava débitos dele e da família. No exorcismo católico prevaleceu até hoje a idéia de possessão demoníaca.

As pesquisas espíritas, do século passado, levaram Kardec a instituir e praticar intensivamente a doutrinação como forma persuasiva de esclarecimento do obsessor e do obsedado, através de sessões de desobsessão. Ambos necessitam de esclarecimento evangélico para superarem os conflitos do passado. Afastada a idéia terrorista do Diabo, o obsessor e obsedado são tratados com amor e compreensão, como criaturas humanas e não como algoz satânico e vítima inocente. A doutrinação espírita humanizou e cristianizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, influindo nos novos rumos que a Medicina tomava nesse sentido. Alguns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual.

Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, os Espíritos Benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanações ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutri8nação humana dos espíritos desencarnados é uma necessidade.

Pensemos um pouco no que ficou dito sobre relação e evolução. Os planos espirituais são superpostos. A partir da Terra, constituem as chamadas esferas da tradição espiritualista européia, segundo o esquema da Escala Espírita (Livro dos Espíritos) como regiões destinadas aos vários graus ou ordens dos espíritos. Essas esferas ou planos espirituais são mundos que se elevam ao infinito. Quanto mais elevado o mundo, mais distanciado está do nosso mundo carnal. A doutrinação existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo, onde os espíritos dos mundos imediatamente superiores vêm colaborar conosco, ajudar-nos e orientar-nos no trabalho doutrinário. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos espíritos bons. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar de seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar espíritos quem tiver amor e humildade. Mas é importante não confundirmos humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas ou agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador, firmado em sua humildade natural - decorrente de consciência que tem das suas limitações humanas - trata o obsessor com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os espíritos inferiores.

Esses espíritos sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusemos. Essa autoridade só a conseguimos através de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos. As nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem a nossa autoridade sobre os obsessores. Isso nos mostra o que é a moral: poder espiritual que nasce da retidão do espírito. Não se trata da moral convencional, das regras da moral social, mas da moral individual, íntima e profunda, que realiza a integração espiritual do ser voltado para o bem e a verdade.

Mas essa integração não se consegue com sistemas ou processos artificiais, com reformas íntimas impostas de fora para dentro como geralmente se pensa. Existe a moral exógena, que nos é imposta de fora pelas conveniências da convivência humana. Essa moral exógena, pelo simples fato de se fundar em interesses imediatos do homem e não do ser é a casa construída na areia segundo a parábola evangélica. A moral de que necessitamos é endógena, vem de dentro para fora, brota da compreensão real e profunda no sentimento da vida. É a moral espontânea, determinada por uma consciência esclarecida que não se rende aos interesses imediatistas da vida social. Este é um problema em que precisamos pensar, meditar a sério e a fundo para podermos adquirir a condição de doutrinar com eficiência, dando amor, compreensão e estímulo moral aos espíritos inferiores. O Espiritismo, como acentuou Kardec, é uma questão de fundo e não de forma.

A doutrinação praticada com plena consciência desses princípios atinge o obsessor, o obsedado, os assistentes encarnados e desencarnado e particularmente ao próprio doutrinador, que se doutrina a si mesmo, doutrinado os outros. Note-se a importância e o alcance de uma doutrinação assim praticada. É ela a alavanca com que podemos deslocar a mente do charco de pensamentos e sentimentos inferiores, egoístas e maldosos em que se afundou. É, por isso mesmo, a alavanca com a qual podemos mover o mundo, como queria Arquimedes, para colocá-lo na órbita do Espírito. Para podermos usar essa alavanca a todos os instantes: no silêncio da nossa mente, na atividade incessante do nosso pensamento, na conversação séria ou até mesmo fútil, nas relações com o próximo,

nas discussões dos mais variados problemas, na exposição dos princípios doutrinários aos que desejam ouvir-nos, numa carta, num bilhete, numa saudação social - mas sempre com discrição, sem insistências perturbadoras, sem carranca e seriedade formal. O primeiro sintoma da contenção desse problema é a alegria que nos ilumina por dentro e se irradia ao nosso redor, contagiando os outros. Porque a vida é uma bênção e, portanto é alegria e não tristeza, jovialidade e não carrancismo.

Não estamos na vida para sofrer, mas para aprender. Cada dificuldade que nos desafia é uma experiência de aprendizado. O sofrimento é conseqüência da nossa incompreensão da finalidade da vida. Desenvolvendo a razão no plano humano, o ser se envaidece com a sua capacidade de julgar e comete os erros da arrogância, da prepotência, da vaidade, da insolência.

Julga-se mais dotado que os outros e com mais direitos que eles. Essa é a fonte de todos os males humanos. A doutrinação espírita, equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas. Foi isso o que Jesus ensinou ao dizer: "Os que se apegam à sua vida perdê-la-ão, mas os que a perderam por amor a mim, esses a encontrarão".

A meditação sincera e desinteressada sobre estas coisas é o caminho da nossa libertação e da libertação dos outros. Só aquele que está livre pode libertar.

II - Psicologia da doutrinação.

O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência a ESCALA ESPÍRITA (Livro dos Espíritos) para bem informar-se dos tipos de espíritos com que vai defrontar-se nas sessões. A escala nos oferece um quadro psicológico da evolução espiritual, que podemos também aplicar aos encarnados. No trato com os espíritos o conhecimento desse quadro facilita grandemente e doutrinação. Os espíritos inferiores usam geralmente de artimanhas para nos iludirem e se divertem quando conseguem, prejudicando-se a si mesmos e fazendo-nos perder tempo. Temos de encará-los sempre como necessitados e tratá-los com o desejo real de socorrê-los. Mas precisamos de psicologia para conseguirmos ajudá-los. A tipologia que a Escala nos oferece é de grande valia nesse sentido. Por outro lado, a leitura dos casos de doutrinação relatados por Kardec na REVISTA ESPÍRITA nos oferece exemplos valiosos de como podemos nos conduzir, auxiliados pelos espíritos protetores da sessão, para atingir bons resultados.

A prática da doutrinação é uma arte em, que o bom doutrinador vai se aprimorando na medida em que se esforça para domina-la. Enganam-se os que pensam que basta dizer aos espíritos que eles já morreram para os sensibilizar. Não basta, também, citar-lhes trechos evangélicos ou fazê-los orar repetindo a nossa prece. É importante também explicar-lhes que se encontram em situação perigosa, ameaçados por espíritos malfeitores que podem dominá-lo e submetê-los aos seus caprichos. A ameaça de perda da liberdade os amedronta e os leva geralmente a buscar melhor compreensão da situação em que se encontram. Mas não se deve falar disso em tom de ameaça e sim de explicação pura e simples. Muitos deles já estão dominados por espíritos maldosos, servindo-lhes de instrumentos mais ou menos inconscientes. O médium que recebe a entidade sente as suas vibrações, percebe o seu estado e pode ajudar o doutrinador, procurando absorver os seus ensinos. Através da compreensão do médium o espírito sofredor ou obsessor é mais

facilmente tocado em seu íntimo e desperta para uma visão mais real da sua própria situação. Doutrinador e médium formam um conjunto que, quando bem articulado, age de maneira eficiente para a entidade.

O doutrinador deve ter sempre em mente todo esse quadro, para agir de acordo com as possibilidades oferecidas pela comunicação do espírito. Com os espíritos rebeldes, viciados na prática do mal, só a tríplice conjugação da autoridade moral do doutrinador, do médium e do espírito protetor poderá dar resultados positivos e quase sempre imediatos. Se o médium ou o doutrinador não dispuser dessa autoridade, o espírito se apegará a fraqueza de um deles ou de ambos para insistir nas suas intenções inferiores. Por isso Kardec acentua a importância da moralidade na relação com os espíritos. Essa moralidade , como já dissemos, não é formal, mas substancial, decorre das intenções e dos atos morais dos praticantes de sessões, não apenas nas sessões, mas em todos os aspectos de suas vidas.

Os espíritos sofredores são mais facilmente doutrinados, pois a própria situação em que se encontram favorece a doutrinação. Se muito erraram na vida terrena, permanecendo por isso em situação inferior, o fato de não se entregarem à obsessão depois da morte já mostra que estão dispostos a regenerar-se. Só a prática abnegada da doutrinação, com o desejo profundo de servir aos que necessitam, dará ao médium e ao doutrinador a sensibilidade necessária para distinguir rapidamente o tipo de espírito com que se defrontam. O doutrinador intuitivo aprimora rapidamente a sua intuição, podendo perceber, logo no primeiro contato, a condição do espírito comunicante. A psicologia da doutrinação não tem regras específicas, dependendo mais da sensibilidade do doutrinador, que deverá desenvolvê-la na prática constante e regular. Mesmo que o doutrinador seja vidente, não deve confiar apenas no que vê, pois há espíritos maus e inteligentes que podem simular aparências enganadoras, que a percepção psicológica apurada na prática facilmente desfará. Não é preciso ser psicólogo para doutrinar com eficiência, mas é indispensável conhecer a ESCALA ESPÍRITA, que nos dá o conhecimento básico indispensável.

III - Os recém-desencarnados.

As manifestações de espíritos recém-desencarnados ocorrem com freqüência nas sessões destinadas ao socorro espiritual. Revelam logo seu estado de angústia ou confusão, sendo facilmente identificáveis como tal. Muitas vezes são crianças o que provoca estranheza, pois parecem desamparadas.

Quando esses espíritos se queixam de frio, pondo às vezes, o médium a tremer, com mãos geladas é porque estão ligados mentalmente ao cadáver. Se o doutrinador lhes disser cruamente que morreram ficam mais assustados e confusos. É necessário cortar a ligação negativa, desviando-lhes a atenção para o campo espiritual, fazendo-os pensar em Jesus e pedir o socorro do seu espírito protetor. Trata-se a entidade como se ela estivesse doente e não desencarnada. Muda-se a situação mental e emocional, favorecendo a sua percepção dos espíritos bons que a cercam, em poucos instantes a própria entidade percebe que já passou pela morte e que está amparada por familiares e espíritos que procuram ajudá-la.

Nos casos de crianças desamparadas que chamam pela mãe o quadro é tocante, emocionando as pessoas sensíveis. Mas a verdade é que essas crianças estão assistidas. O fato de não perceberem a assistência decorre de motivos diversos: a incapacidade de compreender por si mesmas a situação, a completa ignorância do problema da morte em

que foram mantidas ou conseqüências do passado reencarnatório em que abandonaram as crianças ao léu ou mesmo que as mataram. A reação moral da lei de causa e efeito as obriga a passar pelas mesmas condições a que submeteram outros seres em vida anterior. O doutrinador deve lembrar, nessas ocasiões, que o Mundo Espiritual é perfeitamente organizado e que essas provas de resgate e ensino passam rapidamente. Tratado com amor e compreensão, esses espíritos logo percebem a presença de entidades que na verdade já o socorriam e a levaram a sessão para facilitarem a sua percepção do socorro espiritual.

Ninguém fica ao desamparo depois da morte. Essas mesmas situações chocantes representam socorro ao espírito para despertar-lhes a piedade que não tiveram em vida.

Quanto às manifestações de crianças que são consideradas como espíritos pertencentes as legiões infantis de socorro e ajuda, o doutrinador não deve deixar-se levar por essa aparência, mas doutrinar o espírito para que ele se retome com mais facilidade a sua posição natural de adulto, o que depende apenas de esclarecimento doutrinário. As correntes de crianças que se manifestam nas linhas de Umbanda e outras formas de mediunismo popular são formadas por espíritos que já estão capazes de ser encaminhados como espíritos adultos no plano espiritual. Se lhe dermos atenção, continuarão a manifestar-se dessa maneira, entregando-se a simulações que, embora sem intenções malévolas, prejudicam a sua própria e necessária reintegração na vida espiritual de maneira normal. Esses espíritos, apegados à forma carnal e que morreram (como crianças) entregam-se a fantasias e ilusões que lhe são agradáveis, mas que, ao mesmo tempo, os desviam de suas obrigações de após-morte. O mesmo acontece com espíritos que se manifestam como debilóides ou loucos. Precisam ser chamados à razão, pois entregam-se comodamente a lei de inércia, querendo continuar indefinidamente como eram na sua encarnação já finda. Ocorre o mesmo no caso de espíritos que se manifestam em condições larvares ou animalescas. O doutrinador não pode aceitá-los como se apresentam, pois estão simplesmente tentando fugir às suas responsabilidades, através de ardis a que se apegam e com os quais muitas vezes se divertem.

Todos os espíritos, ao passarem pela morte, têm o dever de reintegrar-se na posse de sua consciência e dos seus deveres. Gozando do seu livre arbítrio, apegados a condições que lhe parecem favoráveis para viverem à vontade, entregam-se a ilusões que devem ser desfeitas pela doutrinação. E para isso que são levados às sessões, e não para serem acocados em suas fantasias. Os espíritos que a protegem recorrem ao ambiente mediúnico para que eles possam ser mais facilmente chamados a realidade, graças as condições humanas em que mergulham no fluido mediúnico das sessões.

IV - Santos, diabos e clérigos.

Nas manifestações mediúnicas da Era Apostólica, no chamado culto pneumático dos apóstolos e seus discípulos, era freqüente a manifestação de espíritos diabólicos, com pesadas injúrias a Jesus e a Deus, como contam os historiadores do Cristianismo Primitivo. O Apóstolo Paulo trata desse culto na I Epístola aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais. O nome de culto pneumático deriva da palavra grega pneu, que significa sopro, espírito. Nas sessões espíritos atuais surgem as manifestações de Santos, Diabos e Padres geralmente condenando as práticas espíritas. Os Doutrinadores precisam de habilidade para distinguir os brincalhões e os mistificadores, das entidades ainda realmente apegadas às funções religiosas que exerceram em sua vida terrena. Os supostos santos usam uma

linguagem melíflua, carregada de falsa bondade, com que pretendem iludir os participantes ingênuos das sessões. O doutrinador precisa lembrar-se que, se eles fossem realmente santos, não viriam combater as sessões mediúnicas e os ensinos mediúnicos de Jesus. Não devem perder muito tempo com eles. Basta mostrar-lhes que estão em mau caminho e que nada conseguirão com suas manhas. Os Diabos aparecem sempre de maneira grotesca, procurando fazer estardalhaço, ameaçando e roncando como bichos.

Com paciência e calma, mas sem lhes dar trelas, o doutrinador os afastará logo. Os espíritos de padres e freiras, frades e outros clérigos são mais insistentes, querendo discutir sobre interpretações evangélicas. O melhor que se pode fazer é convidá-los a orar a Jesus. Embora manhosos, são espíritos necessitados de ajuda e esclarecimento. Com sinceridade e amor são facilmente doutrináveis. Mais raras são as manifestações de pastores protestantes e de rabinos judeus, mas também ocorrem. Manifestam-se sempre demasiadamente apegados a letras dos textos bíblicos e evangélicos. Inútil entrar em discussão com eles. Tratados com amor e sinceridade acabam retirando-se e já entregues a antigos companheiros de profissão, já esclarecidos, que geralmente os trouxeram a sessão mediúnica para aproveitar as facilidades do ambiente. A doutrinação tem o duplo poder da verdade e do amor, a que eles não podem resistir por muito tempo. Alguns costumam voltar com insistência em várias sessões. Devem ser sempre recebidos com espírito fraterno e com a intenção pura de auxiliá-los.

Sabemos, que nos planos inferiores da Espiritualidade, os espíritos encontram situações favoráveis a continuidade de suas atividades terrenas. A natureza não dá saltos. O espírito que deixou o corpo sente-se em seu corpo espiritual e em relação com espíritos de sua mesma condição.

Integram-se num meio adequado as suas idéias e continuam a experiência terrena em condições muito semelhantes a da Terra. O doutrinador precisa compreender bem esse problema, lendo e estudando as obras de Kardec, onde os Espíritos Superiores colocaram esses problemas de maneira bastante clara. Nossa função nas sessões é ajudar essas criaturas a se libertarem do passado, integrando-se na realidade espiritual que não atingiram na vida terrena, enleados nos enganos e nas ilusões de falsas doutrinas.

Outros tipos de manifestações, como as de espíritos de negros velhos e de índios ligados a suas religiões primitivas, não raro perturbam os doutrinadores sem experiência. Não são mistificadores, mas entidades que continuam apegadas a forma física e a idéia que tiveram na Terra. Os mistificadores logo se revelam como ensina Kardec, deixando aparecer a ponta da orelha por baixo do chapéu ou da cabeleira. Não é justo nem cristão expulsá-los ou ofendê-los de qualquer maneira. Paciência e amor são sempre os ingredientes de uma doutrinação eficiente. Quando se mostram demasiados renitentes, perturbando os trabalhos o melhor é chamar o médium a si mesmo, fazendo-o desligar-se do espírito perturbador. Geralmente ele voltará em outras sessões, mas então já tocados pelo efeito da doutrinação e desiludidos de sua pretensão de dominar o ambiente. O episódio serve também para reforçar a confiança do médium em si mesmo, demonstrando-lhe que pode cortar por sua vontade as comunicações perturbadoras.

V - A teledoutrinação.

Os corações amorosos, em todos os tempos, apelaram à oração para socorrer a distância os entes queridos. Das práticas mágicas primitivas, nascidas na selva, nas regiões

polares, nos desertos e na vastidão dos mares, o homem passou, nas civilizações agrárias e pastoris, as rogativas dirigidas aos deuses. Da forma de ação direta da magia selvagem - principalmente a simpática ou simpatética, baseada na idéia das relações por semelhança, a mente mais experiente e desenvolvida passava a ação indireta das rogativas. A ação direta é mágica. Não pertence ao campo da Religião, mas ao da Magia. O Homo Faber, ou seja, o homem que confia na sua capacidade de fazer, havendo descoberto relações de semelhança (simpáticas) entre coisas e seres, acreditava poder agir diretamente a distância sobre inimigos e amigos através das relações de semelhança. O Homo Sapiens, ou seja, o homem interessado em saber, buscava conhecer um tipo superior de relações - o mental e emocional, ligando seus deuses (espíritos bons) aos quais dirigia suas rogativas. Assim nasceram as Religiões, arrancadas pelo espírito das entranhas materiais da Magia.

Nos povos mais adiantados da Antigüidade - entre os quais se destacaram, nesse campo, os egípcios, os gregos, os judeus, os arianos da Índia, os chineses e os celtas - a utilização da mediunidade nas práticas oraculares acelerou o desenvolvimento espiritual da Humanidade. Essa aceleração produziu o refinamento intelectual, restrito as elites culturais, e transformou o acervo de experiências das práticas mágicas em formulações teológicas e elaborações litúrgicas e rituais, doiradas com a purpurina dos sofismas e das pretensões teológicas. As ordenações e as sagrações encheram o mundo civilizado de instituições supostamente sagradas, em que permanecem até hoje os resíduos mágicos das selvas. Essas Religiões e Ordens Ocultistas estão carregadas de conceitos absurdos sobre a vida e a morte, com cerimoniais especialmente preparados para influir na credulidade das criaturas ingênuas ou sensíveis.

A Idade Média Européia, acompanhada dos períodos medievais diferenciados em outras partes do mundo, gerou fanatismo religioso e as guerras de religião, as mais impiedosas e brutais, feitas em nome de Deus, cujo conceito era recortado do modelo bíblico de Iavé, o deus dos Exércitos das bárbaras conquistas judaicas. O Cristianismo se transformou numa superestrutura cultural fundamentada na magia primitiva do sangue, com todas as conseqüências falsas e desumanas de uma Ciência do Absurdo - a Teologia, Ciência dos homens que tinham Deus como objeto. A reação dialética era inevitável e o aceleramento cultural, regido pelas leis do espírito, gerou revolta científica do Renascimento, da Era da Razão.

Só nos Séculos XVIII e XIX abriram-se as perspectivas para uma compreensão racional, e portanto humana, das relações espirituais entre Deus e o Homem. E só a pesquisa espírita e sacrificial de Kardec conseguiu romper o nevoeiro restante das pesadas trevas teológico-medievais. Espantado o nevoeiro, Kardec pode oferecer ao mundo o conceito da telegrafia humana, no qual o problema da oração, tomado no sentido mais simples da palavra prece, restabelecia a verdade sobre a natureza humana e suas relações com Deus.

Ao mesmo tempo, descobria-se a existência das relações humanas a distância, da telegrafia humana, tão simples e natural como as que então ocorriam através do telégrafo elétrico. Nesse processo telegráfico aparentemente mental os homens podiam comunicar-se entre si através de todas as distâncias, inclusive as distâncias até então insuperáveis distâncias da morte. E o problema da morte, e que até hoje as Igrejas se confundem e se embaralham, tornava-se claro a compreensão de qualquer criatura de bom senso.

Essa expressão comum - o bom senso - plebéia, popularesca, transformada pelo vulgo em medidazinha de bolso dos moralistas de esquina, Kardec a transformou em critério de verdade. Era um escândalo falar em bom senso entre as alucinações teológicas

da época e a loucura fecunda dos cientistas. Descartes o fizera num desafio de espadachim, num golpe de ironia contra os teólogos mas Kardec o fazia numa tomada de posição no campo da Verdade. O bom senso, que até então só servira como recurso de acomodação dos medíocres as regras banais da moral burguesa, entre os flocos de algodão da hipocrisia, transformava-se em bússola de navegantes audaciosos em mares nunca dantes navegados. E Kardec mostrou sem alardes, com a tranqüilidade do sábio, que essa expressão humilde e desprezada era a própria chave do futuro. Não era através de golpes de imaginação, de inspirações e intuições maravilhosas, mas da observação e da pesquisa científica dos fenômenos que se podia arrancar a verdade sobre o homem, a vida e a morte, o destino da Civilização é obter uma concepção lógica de Deus. A realidade total só nos era acessível através desse point d'optique, desse centro visual em que todo Cosmos se refletia a descoberta da telegrafia humana não havia sido um golpe de gênio, nem um relâmpago da Sabedoria Infusa dos teólogos, mas um resultado de pesquisas minuciosas e teimosas, na carne e no espírito de criaturas ingênuas e simples.

Hoje as pesquisas parapsicológicas e bio-físicas, em plena Era Cósmica, comprovam a realidade da telegrafia humana com a expressão científica da telepatia, que diz exatamente o que Kardec proclamava no seu tempo, há mais de um século. Telepatia não é apenas transmissão do pensamento, mas de todo o pathus individual da criatura, que se define também como projeção do eu. É graças a essa projeção espiritual que podemos falar em teledoutrinação, ou seja, em doutrinação a distância. Kardec relata na REVISTA ESPÍRITA a cura de uma jovem obsedada, cuja família católica não permitia sua freqüência a sessões espíritas à revelia da família e da própria jovem formou-se um pequeno grupo de amigos que passou a reunir-se todos os dias, em hora determinada, emitindo pensamentos de ajuda e orientação espiritual a ela e as entidades perturbadoras. A moça foi curada sem tomar conhecimento desse fato. Experiências atuais de telepatia, realizadas por pesquisadores ingleses, como os professores universitários C.G. Soal, Wathely Caringgthon e Price, bem como por pesquisadores norte americanos, como Rhine, Pratt e Puharicch, e pesquisadores soviéticos como Prof. Vassiliev e o grupo de pesquisas da Universidade de Kirov, confirmaram plenamente o êxito dessas intervenções a distância. Chegaram mesmo a comprovar a possibilidade de ação hipnótica a distância, por meio da telepatia. A Ciência Espírita tem hoje a sanção da Parapsicologia, através de experiências e pesquisas realizadas nos maiores e mais importantes Centros Universitários do Mundo.

Dessa maneira, o costume aparentemente ingênuo de se colocar o nome e endereço de pessoas necessitadas na mesa de sessões espíritas, para que sejam beneficiadas à distância, não só pelos métodos espirituais de cura mas também pelo afastamento de entidades perturbadoras e obsessoras, integra-se hoje no campo das realidade científicas comprovadas. O Espiritismo se firma como a primeira Ciência do Paranormal, de cujos flancos chicoteados pela sapiência arrogante e falsa do materialismo e do religionismo fanáticos, nasceram as disciplinas científicas modernas e contemporâneas da Parapsicologia, da Psicofísica e da Metapsíquica de Richet.

As práticas de ação à distância podem ser individuais ou de grupos, dependendo a sua eficácia unicamente da boa vontade e da intenção real e firme de auxiliar os necessitados.

As pessoas que hoje ainda consideram essas práticas de solidariedade humana como utópicas ou supersticiosas, por mais credenciadas que sejam culturalmente, revelam falta de atualização científica ou, o que é pior, preconceitos inadmissíveis em nosso tempo.

As pessoas que pretendem reduzir a fenomenologia paranormal a manifestações de faculdades humanas sem intervenção de entidades espirituais contrariam a realidade científica mundialmente comprovada pretendendo colocar suas opiniões pessoais e seus preconceitos acima das rigorosas comprovações científicas atuais. Trata-se de pretensão evidentemente exagerada. As que se apóiam em crenças e dogmas religiosos para se oporem a essa realidade são espíritos sistemáticos. O Espiritismo, como Kardec afirmou é contrário ao espírito de sistema, fundamentando seus princípios na observação e na pesquisa. Fatos são fatos e só podem ser negados por pesquisas científicas rigorosas, realizadas por cientistas qualificados.